

O ATO DA LEITURA

Kênia Cristina Borges Dias¹

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura- Uma Teoria do Efeito Estético*. Vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1996.

Wolfgang Iser, nasceu em Marienberg, Alemanha, dia 22 de julho de 1926 e faleceu no dia 24 de janeiro de 2007. Iser estudou Literatura na Universidade de Leipzig, Heidelberg e Tübingen, após um ano foi nomeado professor de Heidelberg, e depois em 1952 trabalhou na Universidade de Glasgow, local onde iniciou a exploração da filosofia e literatura contemporânea, tornando-se assim, um cosmopolita, fez conferências na Ásia e Israel. Ele foi professor de Inglês e Literatura Comparada na Universidade de Constance na Alemanha, foi colega de Hans Robert Jaus.

Iser é a maior celebridade da Teoria da Recepção, fundamenta suas bases na própria crítica literária alemã. Sua teoria começou a evoluir em 1967, enquanto trabalhava na Universidade de Konstanz. Ele pode ser considerado como o fundador da Escola de Constanza de recepção estética, sua teoria do ato de ler em Teoria da Literatura o tornou bem conhecido.

A obra “O ato da leitura – uma teoria do efeito estético”, apresenta um total de 191 páginas, expõe o prefácio referente à primeira e segunda edição, onde faz uma reflexão sobre estética e o efeito da recepção. O livro é constituído por duas partes, sendo que a primeira trata da situação do problema e a segunda esboça um modelo histórico-funcional da literatura.

A primeira parte, Iser apresenta dois capítulos e os mesmos se dividem em tópicos menores. O primeiro tópico intitulado “A arte parcial – a interpretação universalista”, trata de dois pontos fundamentais: Henry James, the figure in the carpet – em lugar de uma introdução e a sobrevivência da norma clássica de interpretação. O segundo tópico “Preliminares para uma teoria da estética do efeito”,

¹ Mestranda em Letras – Literatura e Crítica Literária - Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC
Revista Científica FAI. ISSN 2526 – 6225 Volume 1, Número 2 , Ano 2017/janeiro a julho.

discute as perspectivas fundadas na leitura e as objeções tradicionais, as concepções de leitor e a concepção do leitor implícito, e ainda teorias psicanalíticas do efeito literário.

Para tratar da arte parcial, uma interpretação universalista, Iser utilizou a novela publicada por Henri James, em 1986, “Figure in the Carpet”, a obra faz com que o leitor reflita sobre a interpretação e sua significação oculta, bem como o prejuízo que o autor sofre no processo de interpretação e recepção. James faz o escritor dizer que a resenha do crítico contém somente a lengalenga usual. Dessa forma, define-se um repertório de normas características da recepção literária do século XIX, compreendendo a necessidade de explicação das obras literárias e a função do crítico como mediador entre a obra e o leitor. No entanto, essa função teve seus dias contados.

Iser elucida sobre o fato da leitura ser complexa para o leitor. O texto é um exemplo de sugestões estruturadas para a fruição da imaginação do leitor, logo o sentido pode ser captado apenas como imagem, o sentido não é algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado. Logo, o leitor ao realizar os atos de apreensão, produzem uma situação para o texto e sua relação com ele não pode ser mais realizada por meio da divisão discursiva entre o sujeito e o objeto.

A arte moderna reage a um novo estilo de decodificar, pois a meta é a descoberta pela significação. A arte moderna transformou a maneira de interpretação literária, a obra tem seu valor e este se determina pela conformidade de seus elementos. Um exemplo entre os movimentos da arte contemporânea que denotam as expectativas do receptor, Pop arte, movimento este que chama a atenção para as expectativas do receptor e não apresenta significado referencial.

Iser nos faz refletir sobre a posição do crítico literário, ele (o crítico) é um leitor como qualquer outro que busca apreender, por meio da consciência estabelecida, a obra como um todo articulado, logo, ele não deve constranger e nem fazer premeditação de mais perfeito ou pior, cabe a ele elucidar, para que o leitor possa formar a avaliação correto para si próprio. É por meio da leitura que os textos se tornam reais, ao estabelecer a definição na leitura, reconhecemos um mundo que, embora não exista e nos seja estranho, podemos compreender.

A interpretação começou a mudar a sua história, e um dos fatores primordiais é o leitor, o verdadeiro receptor textual. O autor elucida que a interação

entre o texto e o leitor deve referir-se em primeiro lugar aos processos constitutivos pelos quais os textos são experimentados na leitura.

É de conhecimento dos críticos uma variedade de uma tipologia de leitores e esses são constituições fundamentais para a formulação de escopos de conhecimento, ambos se diferenciam justamente porque uns enfatizam sua construção e outros seus abstratos. O teórico destaca primeiramente dois tipos de leitores: o ideal e o contemporâneo, o primeiro é suspeito de ser mera construção e o segundo dificilmente é concebido como construção suficiente para enunciados abrangentes. O leitor ideal representa uma impossibilidade estrutural de comunicação e deveria ser capaz de realizar na leitura todo o potencial de sentido do texto ficcional, ele é a diferença de outros tipos de leitor. No entanto, a ideia de que o próprio autor é seu leitor ideal contraria opiniões discursivas de autores a respeito de seus textos.

Há outros tipos de leitor, na teoria literária, definidos por Riffaterre, Fish e Wolff. O primeiro, o arqueleitor (permite descobrir a densidade no processo de codificação), o segundo, o leitor informado (descreve o processo de atualização dos textos pelo leitor) e terceiro, o leitor intencionado (expõe tanto as ideias do leitor quanto o esforço do autor).

A irrealidade do leitor é assinalada no texto por um repertório e o papel do leitor menciona a atividade de composição, proporcionada aos receptores dos textos, logo a estrutura do texto e o papel do leitor estão profundamente interligados. Então, compreende-se que a percepção do leitor implícito não é devaneio de um leitor real, mas condiciona sim uma tensão que se cumpre no leitor real quando ele assume o papel.

Iser menciona sobre a interpretação psicanalítica e que ela se revela como uma diagnose, e tem o objetivo de acabar com a barreira produzida pelo leitor durante o processo interpretativo do texto, sendo assim, o leitor carece compreender o mote da transformação do significado. Portanto, o leitor é capaz de formular ideias e seria um absurdo que o texto entregasse todas as soluções para o leitor, a menos que o autor desprezasse a capacidade de compreensão textual adquirida pelo leitor. Logo, uma análise ganha preferência, a partir do momento que há interação entre o texto e o leitor.

A estética da harmonia é citada por Iser, “emotive theory”, primeira teoria que

estudou o efeito literário, a emotive theory é o processo que domina a interpretação psicanalítica.

A segunda parte do livro relata o modelo histórico-funcional da literatura, nela Iser esclarece sobre a importância do texto literário e dos atributos necessários para a produção textual, bem como, o processo comparativo entre a ficção e a realidade.

O ato da fala é bem explanado, pois esse ato é o organizador dos signos, fornece condições para que aconteça a enunciação e haja comunicação com o receptor, ou seja, o leitor. No entanto, em uma análise crítica, o texto escrito cumpre o papel crucial e o ato da fala supera o escrito com o intuito de relacionar o receptor com as realidades extratextuais. Iser nos lembra que existe uma teoria da fala, e esta teoria mostra que o contexto de uma situação é que elucida o significado visado pela enunciação e estabiliza o significado do que é visado.

A comunicação e o diálogo são elementos que existem entre o texto e o leitor. Ambos vivem da redução da contingência, bem como são as formas de socialização do imprevisível. Dessa forma, o autor nos coloca diante do discurso do texto e também da importância do feedback, uma vez que, a afinidade entre texto e leitor se consolida por meio do feedback constante no processo de leitura.

Iser retrata sobre o campo de referência e seleção do repertório dos textos ficcionais, para ele o texto e o leitor se convergem por meio de uma situação que depende de ambos para a consolidação. O texto ficcional não se reduz a uma denotação empírica nem aos valores e expectativas de seu possível leitor. Dessa forma, para o autor é necessário saber identificar e diferenciar os elementos textuais.

O repertório de um texto ficcional não pode ser compreendido como mera cópia de coisas dadas. O repertório apresentado em um texto é uma condição para que haja a produção de uma situação entre o texto e o leitor e quanto mais complexos são os problemas do texto, tanto mais diferenciado deve ser o repertório. É o repertório que organizará as reações dos leitores, porém para que haja compreensão é necessário que o leitor tenha conhecimento e disponibilidade para aceitar as novas experiências textuais.

Iser aponta sobre as estratégias do texto, bem como suas tarefas, que são desvendar itens inesperados em textos íntimos ou familiares. Essa função da estratégia era vista como um problema, um desvio. Esse desvio pode compreender

a violação da norma e do cânone até a extinção do valor familiar. Mostra também a importância do par conceitual: esquema e correção. E há uma relação muito grande entre o primeiro e o segundo plano, essa relação como estrutura fundamental das estratégias textuais, determina uma tensão que se matiza em uma série cada vez mais distinta de intercâmbios, para emergir em uma terceira dimensão, a produção do objeto estético. Logo, essa relação é a condição principal para apreensão de todas as táticas textuais.

Quanto à estrutura do tema e do horizonte, o autor esclarece que o tema é a conversão de tudo que vemos ou que fixamos em um determinado momento e o horizonte é o que é visível a partir de um certo ponto. Ambos formam uma pressuposição importante, pois esquematiza a racionalidade admissível das probabilidades divergentes de reprodução. Logo, essa estrutura constitui a regra central para a combinação das perspectivas de representação.

A obra traduzida por Johannes Kretschmer, merece destaque especial no quesito citações, pois a maioria delas permaneceu em sua fonte original, e para a compreensão o leitor precisa conhecer um pouco do outro idioma ou até mesmo realizar a tradução. O autor coloca o leitor diante de uma obra riquíssima para o meio acadêmico, deixa evidente a importância da interação entre a obra e o leitor, ambos se complementam.

De um modo geral, Iser apoia-se em diversos estudiosos para emissão de sua percepção, ele utiliza obras para explicar sobre o ato da leitura, e fornece subsídios aos pesquisadores do efeito estético e da recepção. Com estilo claro e objetivo, Wolfgang Iser esclarece sobre os procedimentos da recepção estética, exemplificando e impulsionando reflexão crítica e discussão teórica sobre a teoria do efeito estético. Os exemplos citados auxiliam amplamente na compreensão da atividade de leitura, bem como possibilita uma nova maneira de analisar e confrontar as ideias sugeridas pelo autor.

Iser é um conhecedor do efeito estético, por isso, apresenta ao leitor clareza de informações, ele elucida que é por meio do ato de leitura que o leitor processa seu conhecimento prévio em consonância com os conhecimentos linguísticos e gramaticais, essa junção de elementos gerará sentido ao texto. Logo, o estudo desta obra, propicia ao leitor amadurecimento intelectual e hermenêutico, com o mote principal de enriquecer o processo crítico literário.

A leitura da obra de Iser corrobora o fato de que a obra literária pode ser analisada de diferentes maneiras, não há uma fórmula e muito menos uma exclusividade interpretativa. Para que o leitor tenha facilidade de compreensão, ele precisa de fundamentação teórica para que o texto seja analisado de forma coerente e concisa. É evidente que cada leitor tem a sua maneira de captação, nenhum texto é compreendido de imediato, mas sim em fases consecutivas de leitura.

O ato da leitura remete diretamente ao leitor, e na verdade nenhum indivíduo parou para refletir e descobrir em que tipo de leitor ele se encaixa, sendo assim, as ponderações elencadas na obra são fundamentais para que compreendamos realmente o tipo de leitor somos ou queremos ser, e mais, que tipo de leitor queremos formar. Somente a partir dessa conscientização, o indivíduo conseguirá realmente interagir e dialogar com a obra. No entanto, só isso não basta, é necessário que o leitor construa o seu repertório e isto só se faz mediante a leitura, e para isto, é necessário incluir o ato de leitura no dia a dia do cidadão.

O ato da leitura – uma teoria estética tem como mote, oferecer sugestões para que pesquisadores e acadêmicos possam esquematizar, ampliar e concretizar o próprio ato de leitura, tanto na graduação quanto na pós-graduação, utilizando-se da austeridade imprescindível à produção de conhecimentos seguros. É de grande valia para quem desenvolve trabalhos acadêmicos no campo da ciência humana e da ciência social. Não se trata de um manual, mas de um suporte àqueles que querem compreender o ato da leitura e fazer dele um ponto crucial no seu desenvolvimento de leitor e receptor textual.

Diante do exposto, convidamos os leitores para degustarem a bibliografia sugerida pelo autor e que tenham uma excelente leitura.

.